

0

ESPELHO DIAMANTINO,

PERIODICO

**DE POLITICA LITTERATURA, BELLAS ARTES,
THEATRO, E MODAS.**

DEDICADO

AS SENHORAS BRASILEIRAS.

DECIMO NUMERO.

**RIO DE JANEIRO ;
NA TYPOGRAPHIA DE P. PLANCHER-SBIGNOT.**

1828.

O ESPELHO DIAMANTINO,

PERIODICO

DE POLITICA, LITTERATURA, BELLAS ARTES, THEATRO,
E MODAS.

DEDICADO

AS SENHORAS BRASILEIRAS:

CONTINUAÇÃO DA RESPOSTA

A Carta do Eco principiada em o 9.º N.º do Espelho.

Vejamos o vosso Codigo de Legislação, dizia o illustre Hucio a huma Nação moderna, que se jacta de ser a mais civilizada do antigo Hemisferio, o vosso Codigo será o thermometro da vossa civilização; eu não a considero em suas formas accidentaes no maior, ou menor gráo de luxo, nem em suas maneiras mais ou menos polidas: se a vossa liberdade está marcada na Lei; se a Lei, sempre em seu vigor defende a vossa segurança individual; a vossa propriedade; se ella he a primeira auctoridade publica; se o vosso Governo inteiramente penetrado do espirito da Lei, he a primeira sentinella de sua observancia; jactai-vos de ser huma Nação civilizada. A Nação Brasileira necessitava de hum Codigo privativo; ella recebeu o Projecto das mãos do Imperador; este Projecto foi jurado como a sua primeira Legislação, e delle sahirá, pelo intermedio da Augusta Assembléa Legislativa, o seu grande Codigo. Até aqui não vemos nemhuma influencia estrangeira: o Imperador he Brasileiro; os Senadores e Deputados são Bra-

sileiros; todos fallão a mesma lingua; e todos trabalhão no verdadeiro monumento da civilisação Brasileira. Fica portanto demonstrado que nós nem fomos, nem seremos civilizados pelos estrangeiros. He com tudo verdade que nós lhes devemos muitos bens, se olharmos para o melhoramento de alguns ramos da industria Nacional; para o engrandecimento do nosso commercio Agricola; para a perfeição a que sobirão as artes mecanicas fallando em geral sobre tudo o que diz respeito a mão d'obra. Sim, nós temos ganhado: o nosso café, o assucar, o algodão, o arroz, etc. etc. etc., chegarão á hum preço superior; o escravo que trabalha nos cafezaes; aquelle que encaixa o assucar; o que ensaca o algodão, e o arroz vê a fortuna de seu Sr., e espera mais humas bombaxas de pano, ou de brim tecido nas fabricas do estrangeiro, que fará a permuta d'estes por aquelles generos. O estrangeiro viajando tem feito ver aos fabricantes de assucar novos methodos de construir as fornalhas; de aproveitar os despojos dos seus canaviaes, sem prejuizo dos matos; a colheita, e purificação do café em grão he hoje menos trabalhoza pelo systema das maquinas, que elles nos fizérão conhecêr, e com menos braços avança-se n'is trabalho. Por outro lado elles tem concorrido para este gosto de polidez, que se observa na mocidade Brasileira; tem introduzido a sua Lingoagem; a Lição dos seus bons Livros nos circulos das Senhoras: e talvez o Brasil passado mais alguns annos tenha suas Duquezas du Maine; suas d'Epinas; suas Cottins; suas Geoffrois; encantadores attractivos do genio, e do espirito Brasileiro: talvez nesses circulos appareça algum velho Fontenelle, que faça ver a differença que ha entre a pendula d'hum relogio, e o prazer d'ouvir huma Senhora fallando com descripção; a pendula marcando as

(185)

horas, que passam, e a Senhora fazendo esquecer as horas marcadas. Desses circulos sahirão novos Buffons, outros Mar-monteis; novos Thomazes, outros La Hárpes. Não ouviremos dizer, como ouvimos á certa Senhora, hoje do velho Ca-lendario, á quem se propunha a Lição do Romance de Nu-ma Pompilio por Mr. Florian. — Não gosto de Romances, porque acabão em cazamentos: esse novo Romance acabará de certo pelo cazamento de Madama Numa com Mr. Pom-pilio. — Pobre espirital! Hum Brasileiro do bom tom que só sabia dizer em Francez — né pás — hindo á huma caza de pasto para almoçar, com fome de direito, e de facto; e perguntando-lhe huma linda Franceza da caza se queria almoçar, respondeo em voz harmonica — né pás — julgan-do dizer — sim — ali ficou sentado ás moscas até ás quatro horas da tarde, dizendo á todos os Domesticos do Hotel — né pás — né pás — á espera do almoço, que não veio senão ás cinco horas, porque elle reccorrêo ao accionado, apon-tando para a boca, e para a barriga, que dava gritos de morte paixão. Hoje a nossa mocidade já conhece que — né pás — he a expressão affirmativa d'huma negativa: a lingoa Franceza he huma lingoa geral; entra como indispensavel elemento d'huma boa educação: os Pais procurão Mestres pa-rra seus filhos; e huma Senhora com hum Livro Francez na mão está no bello tom da moda; tem carta de civili-zação. A classe das bellas Artes offerece Brasileiros já mui adiantados pela força impulsiva do genio dirigido por Mestres habéis: elles nos farão ver em roda das nossas sallas as copias do nosso pitoresco, e maravilhoso Archi-pelago; essas Ilhas, essas enseadas, que os homens ner-vozos, e de pernas bambas não podem hir visitar: sem re-ccio de mares, e de ventos; sem o auxilio da barca do vapor veremos a Ilha dos amores; a Jurejuba; a Ilha d'a-

goa; a dos coqueiros; a Ilha das moças; e a nossa Madagascar, ou a Ilha do Governador, onde se vê com prazer o soberbo Galcão; o Palacete dos Religiosos Benedictinos; e muitas outras cazas nobres; lugares saudosos por Augustas reminiscencias, e por mil outras lembranças Brasileiras. A Lingoa Ingleza, e Italiana tambem são hoje conhecidas pela mocidade Brasileira: he bello ver hum senhora em hum chá fallando ao Francez, ao Italiano, e ao Inglez em suas proprias lingoas, sem necessidade d'interprete: hum senhora ao Pião cantando hum Arieta na Lingoa dos antigos senhores do mundo abala a virtude dos Discipulos de Fenelon; faz cahirem as torres mais altas; dozenregla a velhice, e deixa em convulsões o estúpido Stoico. Todos a respeitão, ninguem se anima á offender sua modestia. Ora eis-aqui vantagens trazidas pelos estrangeiros. Nós não supponho que a nossa mocidade se vulgarize com esses proscriptos, que em França mesmo, sua Patria, erão estrangeiros, por sua immoralidade Religioza, e Politica; essa classe não tem lugar nos bons circuitos; e o Brasileiro civilizado evita a sua companhia: se algum se deixa hir apôz de suas impias idéas; lendo livros detestados por humá boa educação, não faz regra geral: os bons Francezes são amigos dos Soberanos, que os recebem nos seus Estados; tratão do seu commercio, e não idealizão revoluções. Os Leitores mais imparciaes lembrar-se-hão, que antes da emigração, germinou em 1797 no Brasil a immoralidade com a presença de certa esquadra, que alterou sensivelmente a educação Nacional, e o respeito devido ás familias honestas. Deixemos essas idéas. A mudança dos costumes, e uzos de qualquer Nação he o necessario resultado das relações, e communicações d'huns com outros povos; mas hum Governo sabio, pru-

dente , igual , não receia futuros aterradores. Nas Artes mecanicas vê-se hum grande melhoramento; a mão d'obra tem todo o gosto , e não será facil distinguir o trabalho Nacional , do trabalho estrangeiro: a perfeição , em hum , e o outro está em o mesmo gráo; e ninguem duvidará confessar , que este avanço comparativo com o antigo estado , he devido aos estrangeiros. Depois de alguns annos mais as Artes no Brasil rivalizarão com as da Europa. Ninguem desconhecerá esta verdade; os Brasileiros sabem imitar , e sobir ao ultimo gráo de perfeição: nascem com grandes talentos , e achando mãos habeis que os dirijão bem , che-gão á vencer seus Mestres. Muito campo teriamos para levar adiante nossas idéas sobre este objecto; mais deixamos ao Leitor das nossas reflexões o prazer de ajuntar as suas idéas ás nossas em defeza do nosso Paiz. Podem vêr por maior gloria nossa a defeza de certo Ministro Portuguez feita pelo Marquez d'Argens; ali achar-se-hão os elementos da civilização do Brasil , os feitos illustres de muitos Brasileiros , e os motivos do seu atrazamento por tantos annos.

A MEZA DE JANTAR,

Dialogo entre hum Professor , e seu Discipula.

PROFESSOR.

A sciencia das cousas que pertencem á Meza he , por huma incalculavel desgraça , a mais desconhecida por aquelles mesmos , que passam largas horas entre mil pratos de guizados exquisitos. Gasta-se o tempo em discursos de politica , e cada hum armado de faca , e garfo traça planos de melhoramentos economicos; projectos de refôrma etc. etc,

etc. Vós hides viver na Corte , meo caro amigo , he preciso aprenderdes á *radice* a sublime sciencia Gastronomica com todos os seus appensos. Vós conheceis que tudo quanto diz respeito á meza tem suas origens; que estes conhecimentos passárão d'humas á outras Nações; desde o prato , e o guardanapo até ás ultimas peças vós vereis huma historia seguida , a mais erudita , e a mais engraçada. Vamos portanto; orêlhas em pé , attenção. — Huma coberta , ou serviço de meza compoem-se d'hum prato , d'hum goardanapo , d'hum garfo , faca , colher , hum copo para vinho , e outro para agoa. O uzo dos pratos não he antigo; nossos Pais dos seculos d'ouro se servião de pedaços de pão , cortado em fatias redondas. Virgilio no jantar de Enéas , emporcalthado pelas Harpias , nos faz ver o uzo d'esses pratos. Em França quando se sagrou Luiz XII. não houvérão outros pratos : depois do jantar davão-se aos pobres essas fatias de pão : não apparecião nem toalhas , nem guardanapos , os primeiros , que se fizerão , forão offercidos a Carlos VII. quando se foi sagrar em Reims; e depois de Carlos V. passárão a serem conhecidos na Europa. A faca he muito mais antiga ; a primeira appareção na mão do Patriarcha Abrahão , quando pertendia sacrificar seu filho Isaac.

DISCIPULO.

Eu vi hum quadro , que mostrava Abrahão com huma pistola , em lugar d'huma faca. Parece-me que a faca he mais antiga; porque Cain , o primeiro capoeira , que houve no mundo , matou a Abel dando-lhe huma facada , como eu vi em outro quadro.

PROFESSOR.

Os Pintores tem essas liberdades; porém a Historia os desmente: he verdade que nas mezas d'entaô não ap-

(189)

parecerão facas; os Reis assim como os homens do campo se servião das mãos como de trinchantes. O Imperador Carlos Magno esquartejava hum carneiro sem faca, nem garfo, e offerencia com as mãos os pedaços aos Reis, e aos Bispos da sua comitiva.

DISCIPULO.

Diga-me Sr. Mestre quando apparecêo o pão, e d'onde veio o trigo; porque asseverão-me que o unico uzado na Europa, na Asia, e na Africa era a bolota, que hoje se lança aos porcos.

PROFESSOR.

O trigo não hê originario de França, como pertendem alguns máos escriptores. Huns dizem que veio do Egipto; outros da Tartaria; e o sabio Bailly, assim como o viajor Pallas affirmão que veio da Siberia. Os Phoceos levarão o trigo á França antes da dominação dos Romanos: os Francezes socavão o trigo em pillões, cozião no borrarho, e depois comião. Mil vezes a farofa do que hum tal pão. So depois das primeiras cruzadas se conhecerão os moinhos de vento, ja em uzo entre os Saracênos. A bolota era o pão geral antes da descoberta do trigo.

DISCIPULO.

Pelo que vejo a comida dos porcos era a mesma de que uzavão muitas Nações hoje polidas.

PROFESSOR.

Havia huma especie de bolota para as mezas, e outra para os xiqueiros, a bolota commum, denominada pelos Naturalistas. = *Quercus robur* era para os porcos; e a bolota fina = *Quercus bolotas* = *Quercus prinus* = *Quercus esculus* era rezervada para as mezas de maior luxo.

DISCIPULO.

Sendo-os Francezes amigos de bolota devião gostar mais dos porcos, do que dos bois, e vacas. —

PROFESSOR.

Criavão-se grandes varas de porcos, e ninguém reparava que elles girassem pela Cidade, e que muitas vezes apparecessem nos Salões entre as pernas das pessoas, que ali se achavão em companhia. Sabe-se que Philipe, neto de Luiz gordo, perdeu a vida porque hum porco espantado meteu-se entre as pernas do cavallo, em que elle passeava.

DISCIPULO.

Donde vêm a mostarda, de que hoje nos servimos, e que serve tanto para abrir o apetite.

PROFESSOR.

Os Gastronomos assentão de commum accordo que se devem deprezar todas as origens dadas pelos curiosos: e que a sua origem he esta palavra Latina = *mustum ardens*; porque os antigos fazião fermentar a mostardeira em vinho doce. Plinio fallando da mostarda affirma que ella he o contraveneno dos cogumêlos venenosos, de que muito uzão os Estrangeiros.

DISCIPULO.

Contai-me agora a historia da pinga: dizei-me se os filhos de Noé forão os primeiros, que trouxerão o vinho para a Europa. Ah! a pinga, o regallo da barriga, o maior politico de todos os seculos; a consolação do Santo velho Pai de Salamão; o vinho, que levanta, e aplaca revoluções; que faz vêr estrellas ao meio dia; que toca nas veias dos poétas; que amança o bravo Pegaso; que zomba do filho de Venus: o vinho, o vinho tão misteriozo, e variado nos seus effeitos.

PROFESSOR.

Plutarco diz que o vinho foi levado a França por hum Toscano, natural de Sens, banido de Clusso. Os Marseheses forão os primeiros que em França beberão vinho; e

a cultura da vinha se propagou alli até o tempo do sanguinario, e perfido Domiciano; monstro que depois de haver mandado enterrar viva Cornellia, a primeira das Vestaes; depois de violar sua Sobrinha; de proscreever os Sabios, os homens de Letras, e os Historiadores, mandou arrancar as vinhas em toda a França; mas o Imperador Probo, mandou replanta-las, e eu creio que só por este beneficio mereceu o sobrenome de Probo. Os Francezes bebião cidra, e cerveja. A cerveja veio do Egypto, e entrou em França com os ferros da escravidão dos Romanos. Os Biscainhos forão os que ensinarão aos Normandos a fazer a cidra com batatas da Neustria. Os Cavalleiros chamados Preux bebião huma guarápa composta de mel, e de aromas, denominada = hyprocas = Luiz 14 bebia com prazer, entre outros vinhos, esta guarápa, que lhes mandava a sua boa Cidade de Pariz. Guardava-se o vinho em odres de pelle de bódes, que sempre lhe dava hum máo cheiro; os toneis são de moderna invenção. — Havia hum vinho para o Cura, outro para os noivos, e até para os procuradores das Demandas havia odre particular. O celebre Abbade Suger estabeleceu huma renda Báchica em beneficio dos Conegos de S. Paulo, para os alegrar no tempo do Officio Divino = *Ut jucundius, diz a carta, Deo, Beato que Paulo inserviant.*

Seguir-se-há o Dialogo em outro N.º

O ENTRUDO.

Estão á porta os dias da grande colheita dos Boticarios, dos Cirurgiões, dos Medicos, dos Sacristães, dos Andadores, dos Sineiros em fim, e Coveiros. As apoplexias, os estupores, as tizicas, as febres malignas etc. etc., já se

estão dispendo para se mostrarem francamente no meio das furiozas Lupercaes, a que o povo se entrega nesses desgraçados dias. Quantas victimas cahirão? Em quantos minutos sahirão da vida para a morte; das delicias, dos furores das danças, e das embigadas para o medonho, e eterno silencio das sepulturas? Lembro-me ainda com pezar d'um pobre noivo, que achando-se nas orgias do carnaval, cahio morto, assassinado por huma embigada, que lhe poz fora a quebradura, e o mandou para o outro mundo sem mugir, nem tugir. Todos os annos a experiencia mostra os perigos do entrudo; e o entrudo he suspirado como huma estação de prazêr. Das mezas passa-se com furor, para os baldes d'agoa, e destes banhos que apágão immediatamente a acção da digestão em principio, entra-se na grande viagem. He justo que hajão tempos de folga, em que o povo respire: o carnaval he festejado em toda a Europa, e os modernos Italianos herdeiros das tradições dos seus maiores, se hoje não reproduzem as Bacanaes d'então, entrégão-se com tudo á huma licença, authorizada pelo seu Governo, que os leva bem longe da seriedade dos seus costumes ordinarios. As farças, as mascaras, as caricaturas, são permittidas, e altas pessoas se dão ao publico em expectaculo com toda a ostentação do mais brilhante luxo. Se em lugar do maldito cruzamento de mil taboleiros de bolas d'agoa (limões de cheiro) se permittissem entre nós as mesmas farças, haveria de certo mais prazer, e menores perigos. Esta mudança depende da policia, se ella facultasse ao povo a permissão das farças, prohibindo o jogo de tinas, e baldes d'agoa, seria applaudida geralmente, por que evitar-se-hião muitas desgraças, não se ouvirião dobres de sinos, nem se veria a escandalosa invasão das cazas com a liberdade da seringa. Ha homens que sahem á rua nesses dias por necessi-

(193)

dade, recebem hum golpe d'agoa, e eis huma desordem formada do pé para mão, murraça, estocada, facada, corpo de delicto, cadeia, etc. Ha huma familia, que vai ao Laus perênne: metem-se no meio quatro encapotados com seringas, debanda se a familia, e a devoção passa a ser dissolução. Dizem que esta moda, assim como a dos toiros, nos veio dos Hespanhoes, que estes a receberão dos Moiros; não he preciso entrar neste exame, he sim necessario desterrar a moda para evitar as consequencias. Os estrangeiros zombão de nós dizendo = os Portuguezes, e os Brasileiros perdem o juizo em trez dias do anno, e no quarto vão com a cabeça baixa, vestidos de preto pedir aos Padres nas Igrejas, que lhes dem juizo pondo-lhes cinza na cabeça. = He com esta axincalhão, que elles mofão de nós nos excessos do entrudo, e invertem depois o objecto da Religiosa cerimonia da Igreja no dia das cinzas, — Digão daqui adiante, que o carnaval no Rio de Janeiro offerece divertimentos, que provão o *accessit* da civilização. (*)

O SANS CULOTTE.

He cruel cousa ser *Sans Culotte*: tomando-o no moral, faz nos lembrar huma época fatal, huma época de sangue,

(*) Estando já impresso o presente artigo sobre os perigos do Entrudo, veio-nos ás mãos o providentissimo Edital do Nosso Ministro da Policia, prohibindo os jogos publicos do Entrudo. Porém como apesar de tão bella medida, não deixarão muitas familias em suas cazas, e quintas de se abandonarem aos malvados excessos do Entrudo, e o nosso primeiro objecto he mostrar os males fizicos, que resultão sempre; publicamos o artigo, para que o Entrudo seja in eternum detestado em todos os pontos do Imperio do Brasil.

e tomando-o no physico ha quanto basta para fazer corar a cara mais sem vergonha, e pelo tempo que tem feito estes trez mezes passados promove os rheumatismos, as colicas, e os catharros; porem debaixo do céo risonho e fertil de Portugal, daquelle clima que vê nascer e amadurecer as laranjas, e as romãs, passa-se mui bem sem calças, assim coumo se passa sem sobre casacas, sem mantos, e sem vestidos forrados de pelles, com tudo os naturaes não estão accostumados a andarem sem calças, e os estrangeiros tem as suas no Porto em Lisboa, e em todas as outras cidades e villas de Portugal. Accoeteceu pois ultimamente que hum soldado Inglez, hum *John Bull*, seduzido pela rubra cor do espirituoso vinho do Porto, e comparando na sua mente qual das cousas lhe seria mais necessario, ou o vinho do Porto para o estomago, ou o vestuario necessario para se conformar ao uzo, se decidio á favor do Porto, e vendeu o vestuario em troca do liquido. Quem não perdoaria semelhante escolha? quem não desculparia hum pobre diabo que não tinha que accusar-se senão de huma sede hum tanto forte? Bem, mas com tudo não accoeteceu assim, prendeo-se o culpado, revestirão-o dos trajes (menos as calças) e foi obrigado a fazer neste estado duas horas de sentipella á porta do Coronel, que talvez no mesmo instante se embriagava com o vinho do Porto tentador, tendo porem sobre o seu soldado a vantagem de ter conservado suas calças. Por este modo a espada, a cartuxeira e a bayoneta assentavão sobre a pelle nua do filho d'Albion, e vio-se em Lisboa o quanto custa beber os seus vestuarios, e em como o vinho do Porto torna hum homem *Sans-Culotte*.

CHRONICA E ANECDOTAS.

Voltando certo Ecclesiastico pela meya noite para sua caza, foi encontrado por huma sucia de ladrões, que o intimarão, de lhes dizer exactamente, que quantia de dinheiro trazia: o Padre respondeu, que não possuia mas do que 2 patações: o modo espantado, com que pronunciou estas palavras cauzou alguma desconfiança no chefe da quadrilha, que lhe disse: Sr., não duvidamos de sorte alguma da fidelidade da vossa palavra; com tudo sempre vamos apalpa-lo, dito o que puzerão-se todos a vizitar lhe as algibeiras, mas em lugar de dous patações, acharão-lhe dez meias doblas, que elle tinha acabado de ganhar ao voltarete. Como Reverendissimo, lhe diz então o chefe todo surpreendido, ou fingindo-o estar, he possivel que hum homem do vosso estado se resolvesse a trahir a verdade por amor de hum pouco de ouro? Sem duvida não vos lembrais, que huma mentira, odiosa na bocca de hum simples particular, torna-se hum grande crime em hum homem da Igreja, e que por isso vos expondes a deshonnar o vosso caracter. Se tivesses sinceramente confessado a soma que trazieis, a nossa intenção era repartir com vosco, como de razão, mas como faltastes á verdade, declaramos desde já que tudo quanto trazeis sobre vós he boa preza: aqui deo o orador huma olhada aos companheiros, que em dous minutos puzerão o Padre em estado de ir tomar hum banho a caza de M. Cézar.

— Luiz XI., impaciente de succeder á seu pai, meditava hum attentado horrendo que devia apressar huma mudança de reinado, porém Chabannes, Conde de Dammartin, a quem tinha em vão procurado corromper, deu fim á conspiração declaranda tudo ao Rei. Carlos chamou o Del-

fim á sua presença , e lançou-lhe tudo em rosto ; este chamou Chabannes de impostor , porém a arrestaçoão dos seus cúmplices , e as suas confissões , decidirão o Principe a fugir. Elle retirou se no Dauphiné , onde tendo-se estreitamente ligado de amizade com o Duque de Saboia , lhe pediu a mão da Princeza Carlotta , sua filha. O Rei de França informado do que se passava , mandou hum heralta de armas ao Duque , encarregado de intima-lo a sua opposição á este casamento , porém o Delfim impedio que o mensageiro chegasse á presença do Duque , e conduzio a Princeza ao altar. Elle tinha tido o cuidado de pôr debaixo dos olhos do Duque , hum papel fingido , contendo o consentimento do Rei , e do qual o legado do Papa tinha garantido a authenticidade ; o enviado de Roma morreu bastantemente á tempo para que não se descobrisse o casamento. Entregue aos desgostos , e ao receio de ser envenenado por seu filho , o Rei de França fechou-se no Castello de Mécin , onde se deixou morrer á fome. Elle morreu a 22 de Julho de 1461 , na idade de sómente 58 annos , e foi enterrado em S. Denis.

CORRESPONDANCE.

NOTE DE L'ÉDITEUR.

Notre impartialité nous fait un devoir d'insérer les deux Lettres suivantes qui nous ont été remises par M. P. A. CAYROK lui-même. Nous croyons aussi devoir les faire imprimer telles quelles, sans même y corriger quelques imperfections de style, pardonnables à un Artiste qui écrit dans une langue qui n'est pas la sienne.

M. LE RÉDACTEUR DU ESPELHO,

Un Poete Français a dit une occasion à ses ennemis :

Je ne crains pas, Messieurs, vos propos menaçans, Je déteste Imposteurs, et j'aborre Intrigans.

Mais laissons là le Poete, et venons à ce que j'ai à dire.

J'ai vu votre N° dernier, dans le quel on procure jeter la poussiere aux yeux du Public, en faisant voir que je n'ai pas de logique, que, que... etc. Avant d'entrer dans la boutique d'un marchand de chaises je l'avoit appris: voyez Mr. si je sçai faire un syllogisme.

1 Tout celui qui se plaint faussement, déprime celui de qu'il se plaint. 2. Mrs. de la colonie se plaignent faussement du Ministère. Ergo — Mrs. de la colonie dépriment le Ministère.

Quant à la fausseté.

1 Un decret ne peut etre detruit que par un autre decret. 2. Le decret du 12 Aout 1816 dit, que Mrs de la colonie ont cherché la Protection de S. Magesté le Roi Jean VI pour etre employés. Ergo. Toutes les fois que Mrs. de la colonie ne montre pas un decret contraire au premier, on doit croire que ces Mrs. ont cherché la Protection de cet Auguste Roi pour etre employés.

Quant au merite.

1 Un genie transcendant se manifeste par ses productions. 2. Mrs de la colonie n'ont encore manifesté des productions

de génie *Ergo*. Mrs. de la colonie ne sont pas d'un génie transcendant.

Voyons à présent un peu la logique qu'on employe contre moi dans le N^o de l'Echo.

1. Cavroé dit que Mr. G. J. n'est pas un architecte 2. Cavroé à appris dit-on l'architecture dans une boutique de marchand de chaises. *Ergo*. Mr. G. J. est un grand Architecte.

Dans le N^o 9 du Espelho.

1. Cavroé dit, que Mrs. de la colonie ne sont pas ce qu'ils disent de soi. 2. Mrs. de la Colonie vont faire des caricatures contre Cavroé. *Ergo* Mrs de la Colonie sont ce qu'ils se disent.

Voici alors ma logique en reponse à l'Echo.

1. L'architecture est l'art de bien bati. Celui qui a bati de sorte que ses edifices écroulent ne sçai pas architecture. *Ergo*. Mr. G. J. qui a batit des edifices qui écroulent ne sçai pas architecture.

La même a pen près au Espelho.

Quant a l'annonce des caricatures voici l'équivalent.

Vous pouvez en dessin, en peinture.

Exaler le dépit que votre cœur inflamme ;

Mais vous aurez par chaque caricature

Un très-beau Epigramme.

Mr. Redacteur, si vous etes impartial, daignez inserer cet article dans votre numero prochain.

Votre obeissant serviteur

Pedro Alexandre Cavroé

Messieurs Faiseurs des Caricatures.

Je vous presente ces deux épigrammes comme un échantillon de ceux qui se publieront après vos caricatures :

ÉPIGRAMME 1^{re}.

Un peintre a tout venant expose son tableau,

Ses amis, qui sont là, exclament: Qu'il est beau!

Qu'il est grand! Ah! Messieurs, leur repond en colere

Un connaisseur des arts, amant de la peinture,

Il n'est grand par le fait, mais grand par la mesure.

Une femme devote a promis une course ,
 Son *Pater* recitant , dans toutes les églises :
 La configuration qu'elle voit dans la *Bourse*
 L'incite à reciter les oraisons promises.
 Alors un *Negociant* l'approche , et d'un ton doux
 L'indique sa meprise : *Ah ! mon Dieu , quel destin !*
 S'écria la devote émue , toute en courroux ,
Ma foi , son architecte fut quelque esprit malin !

Ils ne sont pas si beaux comme vos caricatures , mon fort
 n'est pas la langue française ; mais le public se rejouira : à
 Lisbonne j'ai eu de disputes plus sérieuses , et j'ai eu le bon-
 heur d'avoir de ma part les gens sensés.

Jusqu'à la publication des caricatures ,

J'ai l'honneur d'être ,

Votre très-obéissant serviteur ,

Celui qui a appris l'architecture dans une boutique de
 chaises , et procure une autre pour apprendre la logique.

Note du Rédacteur ,

Je ne sais pas bien positivement s'il y a de l'impartialité
 ou de la malice à publier les deux lettres qui précèdent. C'est,
 je crois, l'épigramme la plus sanglante qu'on puisse lancer
 contre leur auteur. Quoiqu'il en soit, la politesse exige qu'on
 y réponde.

J'en suis fâché pour vous, Monsieur le logicien ; mais
 votre premier sillogisme porte à faux. Mrs de la colonie fran-
 çaise ne se plaignent ni à juste titre, ni faussement du mi-
 nistère, puisqu'ils ne s'en plaignent en aucune façon :
 Donc ils ne cherchent point à le discréditer. Vous me saurez
 gré, je pense, de ne pas étendre plus loin ce raisonnement.

Votre raisonnement, quant au mérite, n'est pas meilleur :
 Vous raisonnez par induction, mais vous raisonnez mal :
 Car de ce qu'un artiste de génie n'a pas d'occasion de le dé-
 ployer, on ne peut pas tirer de là la conséquence qu'il n'a
 pas de génie.

Votre manière de réfuter la correspondance de Mr. Grand-

jean dans l'Echo, est encore plus maladroite. J'hésite cependant à décider si c'est de la maladresse ou de l'*Escobarderie*. Voici comment on apprend à raisonner à l'Ecole : l'Architecture est un art qui ne s'apprend pas dans la boutique d'un marchand de chaises : Mr. C. a fait son apprentissage dans une de ces boutiques, donc Mr. C. ne sait pas l'Architecture.

Quant à votre manière d'argumenter sur les caricatures ; Je ne vous comprends pas, et je prends la liberté de penser que vous ne vous comprenez pas vous même.

Votre dernière proposition est logiquement énoncée : je crois seulement que vous partez d'un principe faux ; mais il ne m'appartient pas de le défendre.

Je crois acquérir des droits à votre reconnaissance en passant sous silence la *partie Poétique* de vos deux lettres. Il n'y a, du reste, pas un grand mal à faire de mauvais vers, et moi même,

J'en pourrais par malheur faire d'aussi méchants

Mais je me garderais de les montrer aux gens.

Si vous faisiez, Monsieur le Poète-Logicien, des épigrammes contre moi, je me contenterais, pour vous répondre, de parodier deux vers de celle de Boileau contre Perrault.

Vous êtes, je l'avoue, ignorant *écrivain*,

Et, de plus, mauvais architecte.

mais j'espère que la guerre est terminée entre nous.

— Nous remercions infiniment celui de nos correspondants qui a bien voulu nous envoyer le Poème Portugais *Os Burros*. Nous espérons cependant ne pas être obligés d'en faire usage.

LÉTTRES

SUR RIO DE JANEIRO.

N.º 2.

J'avais négligé de vous parler d'une lettre insérée dans l'Echo No. 58. Cette correspondance, article d'observations

sur les mœurs Brésiliennes, m'avait paru tellement modérée, tellement inoffensive, que je ne me serais jamais douté qu'elle eût donné lieu à une polémique scandaleuse. Je n'aurais jamais pensé que des hommes graves, des hommes qui ont la prétention de diriger l'opinion publique par leurs écrits, se seraient décidés à servir d'organes à des discussions de salons, ou aux plaintes de quelques jeunes gens qui prennent les bouffées d'une puérile vanité pour les nobles inspirations de l'orgueil national. C'est cependant ce qui est arrivé. Mais ce qui m'étonne davantage, c'est de voir des écrivains, qui, par leur profession même, sont, pour ainsi dire, obligés d'être adroits, se placer, volontairement et de gaité de cœur, sur un mauvais terrain. Il me semble voir un général d'armée offrant la bataille dans une plaine dominée de toutes parts par l'ennemi.

Je n'entreprendrai pas de discuter ici si l'admission des étrangers dans un pays qui vient d'échapper au joug colonial, en d'autres termes, au sein d'une nation à peine émanicipée, est ou n'est pas avantageuse à cette nation : La question ainsi posée ne peut se résoudre raisonnablement que par l'affirmative. Je ne veux pas non plus décider si le correspondant de l'*Echo* a prudemment agi en choisissant la forme de la plaisanterie pour traiter cette question : Je veux seulement m'occuper de la Polémique qu'elle a fait naître, et des articles qui ont été publiés dans nos divers Journaux. Cet examen me conduira naturellement à vous soumettre quelques réflexions générales sur la presse périodique à Rio de Janeiro.

Voici les faits : l'*Astrée* dans un de ses N.° publie la correspondance signée *Hum filho do Brasil* dont je vous ai parlé dans ma dernière lettre : Un correspondant de l'*Echo*, voyant dans cet article une attaque directe à la sécurité des établissements commerciaux des étrangers, de la haine contre eux brutalement exprimée, relève le gant et répond par cette trop fameuse lettre signée K. Cet article, mal compris, fait une sensation pénible dans les salons de notre Capitale, et l'*Espelho* et l'*Aurora* se lancent dans la carrière pour défendre ce qu'ils veulent bien appeler l'injure faite aux Brésiliens. L'*Espelho* réfute les opinions de Mr. K. avec force, mais avec la décence et les égards que des écrivains se doivent entr'eux, même quand ils sont divisés d'opinion, et dont les rédacteurs de notre brochure se sont fait une loi. L'*Aurora*, plus violente dans son attaque, reste cependant à

peu-près dans les bornes prescrites. La querelle paraissait apaisée : Mr K. lui même, en expliquant ses intentions, avait offert la paix, lorsque l'*Astrée*, après quinze grands jours, vomit, dans son No. 243, une correspondance signée *Inimigo de Francezias*.

Je m'occuperai peu de l'article de l'*Aurore*. Quoique violent, il est écrit avec bonne foi, et le patriotisme, même lorsqu'il est intempestif, est toujours honorable. Il y a même quelque chose de louable dans la susceptibilité des jeunes rédacteurs de ce Journal, en tout ce qui touche aux coutumes nationales. Cette susceptibilité qui est un peu puérile quant il s'agit de choses de peu d'importance, ressemble trop à de l'esprit national, pour qu'on n'aille pas à la rencontrer dans de jeunes Brésiliens.

Quant à la réponse de l'*Astrée*, je suis embarrassé pour la qualifier suivant son mérite. C'est ce que j'ai lu de plus révoltant, sans excepter les plus fougueux articles de la Gazette du Brésil, qui certes peut servir de point de comparaison en pareille matière. Comment des hommes qui se respectent, ont-ils pu s'avilir à leurs propres yeux, au point de recourir pour se défendre, dans une cause qu'il leur était si facile de rendre bonne, à la plus lâche perfidie, au plus grossier mensonge. Je vous le répète, Monsieur, je ne veux pas défendre la correspondance de l'*Echo*; mais à quelle ligne de son article a-t-on pu lire « qu'il avait recours au trivial argument que, parceque les Brésiliens descendaient des Portugais, ils devaient éternellement leur être soumis. » où a-t-on pu voir le moindre outrage aux dames Brésiliennes et à leurs filles? Je n'hésite pas à le dire hautement, ces deux imputations sont entièrement fausses: Elles sont de l'invention de l'*Astrée*: quelle que soit la manière dont on veuille forcer le sens de l'article, il est impossible d'y rien trouver de semblable; le Promoteur fiscal le plus expérimenté n'y parviendrait jamais. Le correspondant de l'*Astrée* a-t-il bien pesé la valeur des expressions dont il se sert? sait-il bien ce que signifient ces mots *Indignes, Vils, Infâmes*? A peine aurait-on le droit de traiter d'*Infâme* l'auteur d'un article de Journal qui, lâchement perfide, accuserait son adversaire d'avoir écrit que les Brésiliens, parcequ'ils descendent des Portugais, doivent éternellement rester sous leur joug; quand il n'a pas dit un mot qui ait rapport à cela: qui l'accuserait d'avoir dépeint les dames Brésiliennes comme de mauvaises mères,

ou comme des épouses coupables, quand il n'a pas même eu l'idée de s'écarter du respect qu'elles méritent à tant de titres. Voilà où le mot *Infâme* serait convenablement employé. Mr le correspondant de l'*Astrée* veut-il savoir maintenant dans quelle circonstance on pourrait se servir avec raison des mots *Vils et Indignes* ? ce serait envers un homme qui, sans instruction, sans talent, rédigerait une feuille publique vendue à un parti désorganisateur, ennemi de l'ordre établi. Cet homme, s'il en existait encore un pareil au Brésil, serait *Vil* et indigne. Cessez donc, Messieurs de l'*Astrée*, cessez d'appeler la haine publique, la vengeance de l'autorité sur un écrivain dont la plus grande faute, s'il est coupable, est à peine un peu de légèreté : cessez d'entasser des expressions haineuses dans vos lourds articles, car non-seulement on vous accusera de perfidie, mais encore vous serez ridicules. Ces moyens, Messieurs, étaient ceux de la *Gazette du Brésil*, que vous n'avez pas osé combattre quand elle était puissante, et à laquelle vous avez donné le coup de pied de l'âne quand elle expirait. De grâce, n'allez pas la ressusciter.

Quelles pénibles réflexions font naître de pareils débats, Monsieur ! les hommes qui abusent avec tant d'irréflexion de la liberté de la presse, savent-ils bien le mal qu'ils lui font ? Non certainement. Rédacteurs d'une feuille publique sans plan de conduite, sans système arrêté, sans collaborateurs avoués, ils vivent au jour le jour, n'écoutent que la passion du moment, ne prévoient rien dans l'avenir, et portent, par ignorance les coups les plus funestes à la liberté d'écrire, la plus forte des garanties Constitutionnelles. Ils fournissent par leur imprudence, des armes aux ennemis de cette liberté. Puissent-ils ne jamais s'en repentir ! Puissent leurs coupables emportements ne jamais être cités comme des preuves de licence ! mais si la raison peut arriver jusqu'à eux, qu'ils écoutent ses conseils ; qu'ils renoncent à cette vieille théorie de diffamation et de perfidie : qu'ils évitent de soulever les passions, et surtout celles d'une jeunesse ardente, dont le patriotisme bien dirigé peut couvrir d'une gloire éternelle leur riche Patrie, mais que l'on perdrait en la flattant. Enfin quand ils voudront combattre un article qui leur paraîtra ridicule ou déplacé, qu'ils aillent consulter *Adisson* ou Mr. de *Jouy*, qui leur apprendront à se servir de *Bronie*, à manier l'épigramme ; mais qui ne leur apprendront jamais à écrire en style

d'énergumène, ou, pour me servir d'une expression populaire, style de *Gallego*.

Au moment où je vous écris, Monsieur, cette guerre paraît terminée, et je trouve inutile de vous entretenir de la *petite noirceur* de nos jeunes doctrinaires de l'*Aurore*. Ces Messieurs ont *charitablement* fait traduire en Portugais la 1^{re} lettre du correspondant de l'*Echo*, et l'ont fait distribuer gratis avec une profusion toute chrétienne. Voilà de la malice et de l'argent jettés bien mal à propos ! C'est bien le cas de s'écrier comme notre divin maître : *Pardonnez leur, mon père; car ils ne savent ce qu'ils font*. Il serait temps enfin que le ridicule fit justice de tant de niaiseries.

Vous devez avoir été surpris qu'il n'est nullement question dans ma dernière lettre, de la guerre avec nos voisins du Sud, Bien que les arrivages de Monte Video et de Rio Grande ayant été assez fréquents depuis quelques jours, cependant aucune nouvelle importante n'a été officiellement publiée. Les seuls documents dont nous ayons eu connaissance sont un ordre du jour du Général en chef Vicomte da Laguna, et une proclamation du Président de Rio Grande de San Pedro do Sul, aux habitants de la province. « L'Ennemi dit
« cette proclamation, se présente de nouveau pour envahir
« cette belle province, dévaster nos champs, détruire une
« autre fois nos Villages sans défense, insulter nos familles,
« voler nos troupeaux, répandre partout la désolation et
« la mort, et réduire au dernier degré de misère et de douleur,
« Rio-Grandistes ! sortez de l'inaction : La voix de la pa-
« trie appelle et invite ses vaillants fils à repousser une agres-
« sion aussi injuste. Les plaines de S. Gabriel et de Pirata-
« ny, choisies avec sagesse par notre Général, sont les lieux de
« réunion indiqués, à tous les braves etc. etc. » L'ordre
du jour du Général en Chef, plus laconique, ne s'adresse
qu'à l'armée, et semble vouloir la préparer à une action.

Ces deux pièces, dont la publication n'a été accompagnée d'aucunes réflexions, ont produit une assez grande sensation. L'absence totale de bulletin sur la position de l'armée a été péniblement sentie par une population qui ne porte qu'un intérêt secondaire aux événements qui se succèdent en Europe, mais qui a sans cesse les yeux tournés vers le Sud, et qui appelle de tous ses vœux une paix honorable, ou par suite des négociations qui, nous assure-t-on, n'ont jamais été entièrement rompues, ou après une victoire décisive qui force

l'ennemi à la demander. Nos Journaux ne contentent en rien notre avide curiosité. Le *Diario Fluminense*, le seul auquel on puisse prêter un caractère officiel, garde un silence profond sur tout ce qui a rapport à la guerre : aussi la malveillance profite habilement de ce silence inexplicable. A chaque arrivage de Monte-Video ou de Rio Grande, quelque mauvaise nouvelle circule de suite, et sert de pâture à nos oisifs ou à nos politiques de la place du Palais. C'est ainsi qu'on a fait courir pendant deux jours le bruit d'un mouvement rétrograde de l'armée sur l'une des deux grandes villes de la Province, qui est le théâtre de la guerre. On a aussi parlé d'une action partielle, mais sans donner aucun détail. Tout ce qu'on peut raisonnablement penser dans les circonstances actuelles, c'est que dans le mois de février nous aurons sans doute quelque action décisive, et que tout doit faire espérer que l'injure de l'année dernière sera complètement vengée.

Nous sommes toujours privés de nouvelles d'Europe. Le Paket Anglais, ordinairement si régulier, est en retard de plusieurs semaines. Les bâtimens de Commerce Français sont aussi attendus avec une vive impatience.

Vous pouvez lire le message du Président des Etats-Unis au Congrès : le *Diario Fluminense* l'a publié intégralement. Vous remarquerez, sans doute, ce qui concerne le Brésil, dans ce document. Malgré cette apparence hostile, on peut cependant, être pleinement rassuré contre toute espèce de méintelligence entre l'Empire et la République du Nord. L'arrivée du chargé d'affaires fera disparaître jusqu'à la moindre trace de mécontentement.

Il circule aujourd'hui plusieurs bruits contradictoires sur les nouvelles apportées par le paket Anglais arrivé de Buenos Ayres. Il y a eu, dit-on, réunion du Conseil des Ministres, pour la lecture des dépêches. Rien de certain n'a transpiré.

D. Francisco Xavier Garcia de Zuniga, Président de la Province Cisplatine est arrivé par ce Paket.

Voici, Monsieur, où nous en sommes : la quinzaine qui commence, sera, sans doute, marquée par quelques évènements plus importants. Puissé-je avoir à vous faire partager des espérances bien fondées sur la conclusion d'une paix tant désirée!

Je suis votre serviteur, CHEVALIER.

LETTRES

SUR LE THÉÂTRE.

N.° 2.

L'année théâtrale touche à sa fin : encore quelques jours qui sont entièrement consacrés au plaisir, et nous entrons dans un temps de pénitence qui ne permet plus à la folie d'agiter ses grelots. Le Carême, véritable saison de douleur pour les habitués du théâtre, est pour les artistes un temps de repos. Nos danseurs surtout ont bien le droit d'appeler de leur vœux ce bienheureux repos, ce *dolce far niente* des Italiens : ils peuvent s'écrier avec raison :

Après tant de travaux on peut bien s'y livrer.

Je n'ai jamais vu de compagnie dansante faire un service aussi fatigant. Certes ceux qui mettraient en doute le talent des artistes de *notre ballet*, s'il existait quelques censeurs assez injustes pour cela, ne pourraient pas leur contester leur zèle infatigable, et, soit dit sans offenser personne, l'extrême obligeance qu'ils ont toujours mise à prêter à leurs camarades de l'opéra le secours de leurs talents. Nos pauvres danseurs, Monsieur, ont été plusieurs fois réduits à fatiguer le public de deux ballets, et dans aucune occasion nous n'avons vu un chanteur obligé de recourir à deux opéras pour sa représentation à bénéfice. Je n'accuse pas nos virtuoses d'ingratitude, j'aime mieux croire qu'il est plus fatigant, dans une soirée d'été, de chanter une *Cavatine* que de danser un *pas de deux*,

Je m'étais proposé de vous envoyer le tableau des travaux de notre Administration dramatique pendant l'année qui va expirer ; mais je préfère en faire le sujet de ma première lettre. Nous aurons tout le temps, pendant le Carême, de nous occuper du passé, à défaut du présent, et même de jeter un coup d'œil sur l'avenir. Notre Théâtre, Monsieur, est atteint d'un mal qui date de loin, et dont il ne guérira qu'au mois de mai 1829, époque à laquelle finissent les

engagements : c'est une maladie à la fois aigüe et chronique , et nous sommes maintenant dans une forte crise , mais en employant des remèdes héroïques , il est facile de le rendre jeune et brillant de santé. Mais n'anticipons pas.

Je ne sais si le public se souvient encore des titres de trois ou quatre ballets donnés par les bénéficiaires , et dont la présence s'est fait à peine appercevoir : je sais bien, moi , que je les ai oubliés , depuis leur première représentation : Il ne m'en reste que l'idée confuse que ce sont de pauvres ouvrages , sans intérêt , et qui n'annoncent que la prétention de ressembler à quelque chose. L'indifférence du public en a fait justice , et il y aurait de la cruauté de les retirer du profond oubli dans lequel ils resteront probablement ensevelis pour toujours. Temps heureux de la *Dame soldat* , de *Jenny* , des *Innocents* , de *Figaro* , de la *Fille mal gardée* , qu'êtes vous devenus ? qu'ils sont déjà loin de nous ces heureux jours où l'on discutait sérieusement sur un *pas de deux* ; sur la rivalité de Mme. Toussaint et de Mme. Dargé ; où l'on oubliait la guerre du Sud et les événements d'Europe , pour parler de la chute de *Nina* et du succès de la *Fille soldat* ! ils sont passés ces jours de fête. La désertion s'est mise dans les rangs de nos figurantes ; les mauvais ouvrages ont envahi le repertoire ; le Public s'est lassé ; et le plus chéri de nos danseurs , l'enfant gâté du Parterre , Martin , enfin , a fait à peine une recette de cent mille reis le jour de son bénéfice. Je ne parle pas des bénéficiaires qui ont été obligés de sortir de l'argent de leur portefeuille pour couvrir les frais.

Ce tableau est triste , Monsieur , et malheureusement il est vrai. Peut-être allez-vous désespérer de la chose publique : Gardez-vous en bien. Quoique l'opéra soit encore plus malade que le ballet , il y a cependant remède à tout. Nous chanterons encore pendant quelques mois ce refrain d'une vieille chanson Française : *Joli mois de mai quand reviendras tu ?* mais il reviendra bien certainement , et alors alors Il y aura des pleurs et des grincements de dents , ou bien l'expérience est un vain mot. Oui , Monsieur , nous aurons à Rio de Janeiro un théâtre digne du nom qu'il porte , digne de la société qui s'y rassemble : car nous avons ici tous les élémens de succès ; des spectateurs toujours prêts à payer , un directeur qui serait enchanté de ne pas perdre son argent , un Gouvernement généreux , et une population fort disposée à mettre à la loterie cinq ou six fois par an. Je puis

garantir au directeur qu'il y a en Italie une dizaine d'artistes distingués qui ne demandent pas mieux que de faire le voyage du Brésil. Enfin pour vous expliquer toute ma pensée, notre théâtre ressemble à ces mines du Pérou, si riches et si fécondes, mais dont les Indiens ne savaient pas tirer parti.

En attendant nos plaisirs futurs, revenons à nos douleurs présentes. Hélas, Monsieur ! j'ai une mauvaise nouvelle à vous annoncer. Il est à peu-près positif que Mme. Barbieri quitte le théâtre. Un mauvais Génie va la ramener aux bords de la Seine : à votre prochain voyage ici, vous n'entendrez plus ces accents si doux, cette voix si fraîche et si pure. Je ne puis vous parler de cela sans un vif sentiment de regret, mêlé peut-être d'un peu de mauvaise humeur. Je ne puis de sang-froid voir faire à Mme Barbieri une démarche qui me paraît devoir être aussi nuisible à ses intérêts qu'elle est pénible pour nous. Je m'estimerais heureux que quelques avis donnés par un véritable ami, pussent décider notre *Virtuose* à ne pas délaissier un Public qui lui a donné des preuves si positives de préférence et d'amour. Les succès d'Europe sont plus éniivrants, je l'avoue, mais ceux d'Amérique sont plus productifs et plus certains. A Paris, à Londres, une cantatrice obtient à peine dans le courant de sa carrière dramatique une représentation à bénéfice ; mais à Rio de Janeiro chaque année en amène une nouvelle. Je suis l'admirateur le plus déclaré de Mme. Barbieri, je ne veux pas douter un seul instant qu'elle n'ait à Paris un succès brillant ; le contraire pourtant pourrait arriver ; et sa compagne à New-York, Mlle. Garcia, n'a pas trouvé en France l'enthousiasme qu'elle inspirait aux Etats Unis, et je doute fort qu'après ses débuts on lui ait offert en Europe la moitié des trente mille francs qu'elle gagnait en Amérique. J'ai fait entendre à Mme. Barbieri assez de vérités flatteuses, pour avoir le droit de lui en dire une sans ornements. Je crois même acquérir un titre à sa bienveillance ; car un ami sincère vaut mieux qu'un flatteur qui nous fait voyager dans le pays des chimères.

J'espère encore, Monsieur, que tout pourra s'arranger, et, je vous le répète, je m'estimerai heureux d'y avoir contribué. Nous ne nous consolerons pas de long-temps de la perte d'une cantatrice à laquelle nous nous sommes attachés par les plaisirs qu'elle nous a procurés, et, soit dit sans l'offenser, par les marques de faveur dont nous l'avons accablée.

Je ne terminerai pas ma lettre sans vous rendre compte de la représentation au bénéfice de Mlle. Caroline Piaccentini qui a lieu demain. Un acte de l'*Italienne à Alger*, un opéra nouveau dans lequel chante Mme. Barbieri et un London à trois : c'est une triple bonne fortune.
Agréez, Monsieur, etc. etc.

Je rentre du théâtre. Je suis *désenchanté*, ou, pour me servir d'une expression anglaise, qu'il n'a pas encore plu à l'Académie Française de franciser, c'est un vrai *désappointement*. Un Opera faible et faiblement chanté : un London, trop court, gentiment dansé, mais sans cette couleur nationale qui en fait tout le charme, sans ce *Geito Brasileiro*, si délicieux : le Public froid et ennuyé n'a été reveillé que par le beau *Duo* de l'*Italienne*, toujours parfaitement chanté par Mme. *Barbieri*, et plus mal que de coutume par *Isotta*.

THEATRINHO.

Na noite de 15 de Fevereiro do Corrente, no Theatrinho da rua dos Arcos, teve lugar a terceira Recita, na qual foi executada *Zulmira*, Peça em 2 Actos, do immortal Antonio Xavier de Azevedo ; o vivo interesse que animava a Companhia, o brilhante do espectáculo, o aparato da casa bem que simples, o concurso dos amadores do Theatro e o das amaveis Brasileiras, sem obstar-lhe a copiosa chuva offerecião a Scena mais tocante, e encantadora. O insigne *Ansaldi* executou na *Rebecca* diversas variações : por termo a *Farça tudo a Estrangeira*, de Antonio Ferreira Paiva, que acabarão de concluir : a mudança para o character em que foi representada, o gosto e o interesse o mais depurado nada deixou a invejar ; e a par da mais viva sensação não se podia occultar o fogo do Patriotismo que na lida presente anima, e vigorisa ao verdadeiro Brasileiro.